



A CAÇA AO VEADO E O ERRO DE WALTZ

The deer hunting and Waltz's mistake

Fernando Nunes Oliveira

Resumo: Os argumentos de Kenneth Waltz em *Man, State and War*, feitos por analogia à caça ao veado de Rousseau apresentada *Discurso Sobre a Origem das Desigualdades Entre os Homens*, servem de base para uma teoria que considera que os conflitos internacionais decorrem do fato de os Estados não estarem submetidos a uma autoridade comum com o uso exclusivo da força, bem como para determinar certas características inerentes à relação entre Estados (especialmente o grande potencial conflituoso). Uma teoria como essa é apresentada por ele em *Theory of International Relations*. Tal teoria é extremamente influente, tendo ajudado a fundar o modelo neo-realista nas relações internacionais. Acredito, entretanto, que os argumentos que tem sua raiz na caça ao veado de Rousseau surgem de uma interpretação equivocada de tal alegoria e que uma interpretação correta mostraria que, tal como ela é descrita por Rousseau, a caça ao veado não serviria de base para os argumentos de Waltz. Mesmo com pequenas alterações, que permitam uma aproximação ao modo como Waltz interpreta a caça ao veado, creio que ela não levaria a uma total independência de teorias que considerem que os conflitos internacionais decorrem do fato de os Estados não estarem submetidos a uma autoridade comum com o uso exclusivo da força e, o que é ainda mais marcante, não levaria a uma consideração tão elevada da ameaça de conflito nas relações internacionais e como tal consideração tem uma influência tão elevada no comportamento dos Estados em tais relações.

Palavras-chave: Realismo Político; Rousseau; Kenneth Waltz, Caça ao Veados.

Abstract: Kenneth Waltz arguments in *Man, State and War*, made through analogy to Rousseau's stag hunt presented in the *Discourse on the Origin of Inequalities Among Men*, are used as the basis for a theory which considers that international conflicts arise from the fact that States are not subject to a common authority with the exclusive use of force and also to establish certain characteristics inherent to the relationship between States (especially their great potential for conflict). A theory like this is presented in *Theory of International Relations*. Such theory is extremely influential, having helped found the neo-realist model in international relations. I believe, however, that the arguments that have their origin in Rousseau's stag hunt arise from a misinterpretation of such allegory, and that a correct interpretation of it, in the way that Rousseau describes it, would show that the stag hunt would not serve as a basis for the arguments of Waltz. Even with minor changes in the way that Waltz interprets the stag hunt, I do not believe that it would lead to a complete independence of theories that consider that international conflicts arise from the fact that States are not subject to a common authority with the exclusive use of force and, even more striking, would not lead to such an elevated consideration of the threat of conflict in international relations, and how this consideration has such a strong influence on the behavior of States in such relationships.

Keywords: Political Realism; Rousseau; Kenneth Waltz, Stag Hunt.

1. Introdução

Kenneth Waltz é considerado o fundador e mais importante representante do neorealismo, influente modelo teórico de relações internacionais. Em *Man, State and War* realizou uma investigação acerca das teorias que tentam estabelecer as causas no conflito internacional. Estabeleceu que há três tipos de teorias: 1) Aquelas que atribuem

as razões dos conflitos à deficiência na razão ou formação dos indivíduos; 2) Aquelas que atribuem às formas assumidas pelas instituições dos Estados as razões do conflito; e 3) Aquelas nas quais os conflitos decorrem do fato de os Estados não estarem submetidos a uma autoridade comum com o uso exclusivo da força, ou seja. Ao apresentar os três tipos, Waltz defendeu que uma teoria que não levasse em conta os três tipos de causa para o conflito não poderiam ser bem-sucedida em propor uma maneira de administrá-lo.

O autor entende que dos três tipos de teoria, o que aparecia com menor frequência (e a aquele cujo a existência e importância era percebida mais raramente) seria a terceira. Ele faz então uma defesa da possibilidade argumentativa de uma teoria do terceiro tipo, usando a situação dos caçadores na alegoria da caça ao veado apresentada por Rousseau no *Discurso Sobre a Origem das Desigualdades Entre os Homens* ele faz uma analogia à situação dos Estados frente uns aos outros no campo internacional. Há no argumento de Waltz uma tentativa forte de mostrar a possibilidade de elaboração de teorias do terceiro tipo. Entretanto, dada à maneira como interpreta a alegoria da caça ao veado, também há uma tentativa, por parte do autor, de estabelecer as características necessárias às relações entre os Estados, tendo em vista a situação a que estão submetidos no ambiente internacional (isso é, um ambiente anárquico que tornaria impossível a confiança dos Estados uns nos outros).

É com base na possibilidade de se estabelecer uma teoria do terceiro tipo e do modo como teriam de se dar as relações entre Estados em tais teorias apresentados em *Man, State and War* (com implicações teóricas advindas do uso que faz o autor da caça ao veado) que Waltz elabora sua própria teoria em *Theory of International Relations*. Teoria essa que, por sua vez, viria a tornar-se imensamente influente.

Creio, entretanto, que tanto a maneira como o cenário internacional teria influencia no comportamento dos Estados, quanto o grau de independência de análise de teorias do terceiro tipo (especialmente a de Waltz em *Theory of International Relations*) não encontram bases tão fortes no argumento usado por analogia com base na alegoria da caça ao veado de Rousseau, pois, no uso argumentativo que faz de tal teoria, Waltz deixa de levar em consideração características importantes dos caçadores descritos por Rousseau. Se levada em conta de maneira adequada, a descrição dos caçadores de Rousseau e suas limitações racionais impõem um pesado golpe na fundamentação de Waltz, tanto na descrição do cenário internacional quanto na absoluta independência de teorias de terceira imagem.

Tentarei mostrar que na caça ao veado como descrita por Rousseau os caçadores não cooperam porque eles ainda não possuem a capacidade de avaliar as perdas de ganhos futuros decorrentes de suas ações (uma capacidade muito evidente na espécie humana), sendo movidos puramente pelo instinto de satisfazer suas necessidades imediatas. Tentarei argumentar que a presença desta capacidade de avaliar ganhos futuros e um passado compartilhado já seria suficiente para tornar as possibilidades dentro desta relação não tão fortemente determinadas quanto acreditava Waltz, o que certamente também se aplicaria ao uso análogo do argumento para as relações entre Estados.

Se a característica de insegurança na relação dos caçadores é diminuída em certo grau com a simples adição de uma capacidade de cálculo sobre ganhos futuros às capacidades racionais dos caçadores ou com experiências passadas entre eles (dependendo de como essas transcorreram, como tentarei apontar), creio que, ainda maior, seria a diminuição da insegurança se adicionarmos capacidade moral e valores compartilhados entre os caçadores às suas capacidades, o que também pode ser transposto para a analogia da relação entre Estados. Parece-me que meus argumentos têm por consequência evidenciar que querer a efetividade e independência de uma teoria sistêmica na medida em que Waltz deseja não é possível, pois fatores além daqueles trazidos pela a situação de anarquia também são relevantes.

2. Waltz, *Man, State and War* e *Theory of International Politics*

Não há dúvida acerca da importância de Kenneth Waltz como um expoente do realismo político nas relações internacionais e a influência que sua obra *Theory of International Politics* teve nas pesquisas da área da política internacional nos anos subsequentes à sua publicação. Tão grande é sua relevância que é considerada por muitos como o porta-estandarte do neo-realismo nas relações internacionais, mesmo hoje¹, a despeito de ter sido publicada pela primeira vez em 1979. De fato sua abordagem da política internacional, que se dá tendo como base um “sistema” internacional, serviu de base para a maior parte das teorias e pesquisas neo-realistas².

Creio, no entanto, que tal abordagem, que tem sua possibilidade teórica fundada em argumentos apresentados pelo autor em uma obra anterior a *Theory of International Politics* e que influenciou toda uma relevante tradição de pesquisa e pensamento, traz limitações no seu poder descritivo e preditivo que são derivadas de uma interpretação equivocada de uma passagem textual do *Discurso Sobre a Origem das Desigualdades Entre os Homens*.

A obra de Waltz anterior a *Theory of International Politics* a qual me referi é *Man, State and War*. Os objetivos das duas obras de Waltz são absolutamente distintos entre si. Em linhas gerais, o maior objetivo de *Man, State and War* é mostrar que a grande maioria das teorias que, durante quase toda a história da filosofia ou da teoria política, tenham feito alguma menção sobre a possibilidade (ou impossibilidade) de serem alcançadas relações mais pacíficas entre diferentes povos foram muito limitadas em alcançar os seus objetivos por concentrarem suas análises sobre as causas dos conflitos no comportamento do indivíduo ou na natureza humana, na ausência de instituições ou formas de governo adequadas ou ainda no modo como os Estados se relacionam uns com os outros tendo em conta as características do ambiente internacional, mas raramente levando em conta seriamente de que maneira cada um desses três aspectos é importante quando se pretende resolver o problema do conflito internacional. A obra possui então um espírito crítico a respeito dos limites que uma teoria que não leve em conta, de maneira séria e na proporção da importância de cada um dos três aspectos mencionados, pode encontrar para que possa explicar adequadamente o fenômeno da guerra e fazer prescrições efetivas para atingir paz e estabilidade no campo internacional. Em *Man, State and War*, Waltz deixa transparecer ainda outro objetivo que deve ser mencionado, pois ele é a porta de entrada para o que viria a ser realizado por Waltz em *Theory of International Politics*, o de tornar evidente a possibilidade de ser criada uma teoria de relações internacionais tendo como base o último dos três aspectos, ou seja, a relação dos estados entre si em um sistema internacional, pois esse seria um aspecto cujo verdadeiro grau de importância muitas vezes não teria sido percebido por teóricos políticos³. Já em *Theory of International Politics* vemos uma teoria como essa já estabelecida⁴.

Começarei minha exposição na presente seção por *Man, State and War*.

A obra foi publicada com base na tese de doutorado de Waltz defendida em 1954 na Universidade de Columbia nos Estados Unidos. A tese era intitulada *O homem, o Estado e o sistema de Estados nas teorias de relações internacionais*⁵ e foi publicada com algumas correções em 1959 com o título ao qual venho me referindo, *Man, State and War: A Theoretical Analysis* (em português: *O homem, O Estado e a guerra: uma análise*

¹ ELMAN, Colin e JENSEN, Michael A (ed.) *Realism Reader*. 2014, New York e Londres: Routledge, 2014, p. 05

² Sendo que o modelo realista de teoria de Relações Internacionais é talvez ainda o mais influente na política internacional.

³ É com esse objetivo que Waltz busca em Rousseau apoio teórico, como mostrarei mais adiante

⁴ Mas, propositalmente apresentada como uma teoria centrada no terceiro aspecto dando pouca atenção aos outros dois

⁵ HASLAM, Jonathan. *A Necessidade é a Maior Virtude: O Pensamento Realista nas Relações Internacionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 05.

teórica)⁶. Waltz considera que grande parte das teorias que teriam apresentado alguma preocupação com as causas dos conflitos entre Estados, poderiam ser classificadas em três níveis diferentes de análise prioritária. Waltz chama esses níveis de “imagens”.

A primeira imagem Waltz denomina Human Behavior (Comportamento Humano). De acordo com essa imagem o local das causas importantes da guerra é encontrado na natureza e no comportamento do homem⁷. Logo, de acordo com essa imagem, *Guerras resultam de egoísmo, de impulsos agressivos mal direcionados, de estupidez. Outras causas são secundárias e devem ser interpretadas sob a luz desses fatores*⁸. Assim, as prescrições realizadas por teóricos que são classificados de acordo com a primeira imagem para eliminar a guerra normalmente seriam relacionadas com a educação ou desenvolvimento do indivíduo de acordo com os desígnios da razão, da verdadeira natureza humana, de Deus, da “verdadeira verdade” etc. com o objetivo de tornar o homem mais “esclarecido” ou “iluminado”, o que poderia acontecer assegurando seu “reajustamento” psicossocial⁹. E ainda, de acordo com Waltz, seria possível que alguém concordasse com as causas do conflito segundo a primeira imagem, mas ainda assim fosse cético com relação à possibilidade de qualquer prescrição ser feita para alterar o comportamento humano de maneira efetiva nos aspectos relacionados à sua agressividade, sendo assim o que autor denomina um pessimista da primeira imagem¹⁰.

Waltz escreve que, *de acordo com a segunda imagem, a organização interna dos Estados é a chave para entender a guerra e a paz*^{11 12}. A ideia aqui é que deficiências nas instituições ou organizações internas dos Estados seriam as maiores causadoras das guerras. Abarcados pela classificação da segunda imagem, também teríamos uma grande variedade de formas de pensamento (de comunistas como Marx e Lênin aos liberais com Woodrow Wilson) Desse modo, ainda que possuam semelhanças ao dizerem que a mudança dos Estados é fundamental para colocar fim à guerra, os autores da segunda imagem apresentam diferenças fundamentais no que tange a quais seriam as mudanças necessárias e o tipo de Estado desejável para que o propósito de colocar fim aos conflitos seja atingido.

A crítica de Waltz às teorias da segunda imagem é ampla e independe da maneira como essas teorias veriam os Estados ideais, pois muito da maneira como os Estados se comportariam em relação uns aos outros seria influenciada pelo ambiente internacional¹³. O que nos leva às teorias da terceira imagem.

A terceira imagem leva em consideração que, na ausência de leis internacionais que possam ser aplicadas por uma instituição com uso exclusivo da força, cada Estado soberano busca seus próprios interesses de acordo com suas capacidades e visão de mundo, o que por vezes leva a conflitos. Como cada Estado é o único juiz de suas políticas e a respeito do uso de sua própria força para promover suas políticas, todos devem estar preparados para conter força com força ou pagarem o preço por sua

⁶ A respeito do uso dos títulos das obras de Kenneth Waltz devo mencionar que optei por manter o original em inglês, pois foi nas obras em inglês que realizei meus estudos para a elaboração do presente Artigo. A obra de Haslam, entretanto, foi estudada e citada a partir de sua tradução para o português e nesse parágrafo estou fazendo referência a ele. Por isso, cabe esclarecer que mantive os títulos das obras de Waltz em inglês, mas se estou me referindo a um autor fazendo considerações a respeito dela irei usar a língua da edição pesquisada.

⁷ WALTZ, Kenneth Neal. *Man, State and War: A theoretical Analysis*. Nova York: Columbia University Press 4ª edição, 1965, p.16. No original: the locus of the important causes of war is found in the nature and behavior of man.

⁸ WALTZ, Kenneth Neal. *Man, State and War: A theoretical Analysis*. Nova York: Columbia University Press 4ª edição, 1965, p.16. No original: Wars result from selfishness, from misdirect aggressive impulses, from stupidity. Other causes are secondary and have to be interpreted in the light of this factors.

⁹ Cf. WALTZ, Kenneth Neal. *Man, State and War: A theoretical Analysis*. Nova York: Columbia University Press 4ª edição, 1965, p.16.

¹⁰ Cf. IBID, p.18

¹¹ IBID, p.83.

¹² No original: according to the second image, the internal organization of states is the key to understanding war and peace.

¹³ Cf. WALTZ, Kenneth Neal. *Man, State and War: A theoretical Analysis*. Nova York: Columbia University Press 4ª edição, 1965, p.123.

fraqueza¹⁴. Entretanto, dessa forma, os Estados também se tornariam temerosos sabendo do potencial uso de força por parte dos demais. Políticas como o da diminuição gradual de armas em favor de ganhos econômicos em tratados internacionais seria um exemplo de política que leva em conta a terceira imagem¹⁵.

Waltz estabelece um paralelo entre as relações interpessoais no estado de natureza descrito por Rousseau em o *Discurso sobre a origem das desigualdades entre os homens* e a relação entre diferentes Estados em um ambiente em que não há um poder comum que possa impor legitimamente a força. O argumento apresentado por Waltz é o seguinte: Mesmo o homem bom no estado de natureza não poderia ter plena confiança de retirar muitos frutos de seu trabalho (como, por exemplo, um campo cultivado), pois haveria a possibilidade de que esses frutos fossem tomados por outros em algum momento (como em uma situação de escassez, por exemplo). Então, ainda que a sociedade tenha vindo a criar uma série de problemas para o homem, que antes de entrar nela desconhecia sentimentos como cobiça ou inveja, o ganho em termos materiais em segurança por tê-lo feito seria evidente¹⁶.

A posição entre Estados para Rousseau, como quase todos os teóricos contratualistas, é comparada àquela de homens no Estado de natureza. Haveria em Rousseau (para Waltz) elementos para imaginar que cada Estado se comportaria como uma unidade que agiria buscando o melhor interesse de seus cidadãos, especialmente se levarmos em conta o conceito de vontade geral¹⁷. Não seria impossível que uma república, ainda que bem governada, entre em guerra, uma vez que as formulações de cada país da vontade geral serão, no ambiente internacional, particulares e não universais e não há autoridade superior para prevenir conflitos e fazer ajustes entre os Estados¹⁸. Logo, uma vez que mesmo Estados bem governados podem entrar em conflito uns com os outros, o problema não está localizado na forma como os Estados são constituídos, mas sim no fato de estarem em um ambiente anárquico.

Para Waltz, os argumentos de Rousseau seriam um forte ponto para mostrar que na anarquia não há harmonia automática¹⁹, e que é possível criar uma teoria de relações internacionais que explique de maneira geral o comportamento dos Estados, sejam eles bons ou maus²⁰. Essas duas considerações a respeito das conclusões que podem ser extraídas dos argumentos de Rousseau, bem como as implicações econômicas e históricas da terceira imagem, presentes no capítulo VII de *Man, State and War*, podem ser levadas em conta como um pano de fundo para a teoria que ele viria a apresentar em *Theory of International Politics*. Na referida obra Waltz usa uma teoria análoga à teoria microeconômica da firma com a finalidade de explicar como a estrutura internacional determina o comportamento dos atores e por que alguns comportamentos e organizações estruturais são preferíveis a outros. De fato, essa parece ser a teoria apresentada por Waltz, depois de ter defendido que os argumentos de Rousseau parecem tornar possível que uma teoria explique de maneira geral o comportamento dos Estados em *Man, State and War*.

Waltz tem como pano de fundo a ideia de um elemento que agiria na política internacional desde sempre, que ele tenta mostrar ser a “constante” do sistema internacional, a saber: o conflito causado pela anarquia.

¹⁴ WALTZ, Kenneth Neal. *Man, State and War: A theoretical Analysis*. Nova York: Columbia University Press 4ª edição, 1965, p.160.

¹⁵ Mas que, ainda assim seria muito ineficiente por deixar de levar em conta algumas dificuldades inerentes ao fato dos Estados existirem em um sistema anárquico (cf. WALTZ, 1965, p. 160).

¹⁶ Cf. WALTZ, Kenneth Neal. *Man, State and War: A theoretical Analysis*. Nova York: Columbia University Press 4ª edição, 1965, p.171-172.

¹⁷ Cf. WALTZ, Kenneth Neal. *Man, State and War: A theoretical Analysis*. Nova York: Columbia University Press 4ª edição, 1965, p.174.

¹⁸ IBID ao anterior.

¹⁹ Cf. WALTZ, Kenneth Neal. *Man, State and War: A theoretical Analysis*. Nova York: Columbia University Press 4ª edição, 1965, p.182.

²⁰ Cf. WALTZ, Kenneth Neal. *Man, State and War: A theoretical Analysis*. Nova York: Columbia University Press 4ª edição, 1965, p.183.

Para Waltz, uma teoria de política internacional, se pretende dar conta das tarefas que teorias precisam desempenhar, deve ser sistêmica. Por sua vez, uma teoria da política internacional seria sistêmica se, e somente se, ela encontra a parte mais importante de sua explicação para resultados e comportamentos dos atores no nível da própria política internacional²¹.

Waltz atribui à estrutura internacional complexidade, com a presença de vários elementos, representados pelos Estados, interagindo. Ele atribui a ela também organização, trazida pelo constante da presença de conflito causada pela anarquia internacional. Sua teoria é construída com elementos que servem como análogos aos da teoria microeconômica da firma, usada para prescrever e prever ações de empresas que visam evitar a falência e aumentar seus lucros no ambiente do mercado. O mercado é substituído pela estrutura internacional, as firmas pelos Estados, e o objetivo da obtenção de lucro pela sobrevivência. Assim como certos comportamentos e respostas para acontecimentos seriam mais eficientes para sobreviver no mercado, o mesmo ocorreria no sistema internacional. Logo, conhecer ou saber o que esperar dos próximos movimentos de outros Estados (especialmente entre os grandes atores) é particularmente útil, da mesma forma que seria para grandes empresas conhecerem os próximos movimentos de seus concorrentes.

Tendo em conta o sistema, também seria mais ou menos previsível a maneira como Estados responderiam a certos acontecimentos, já que certas ações seriam recompensadas pelo sistema e outras punidas com diminuição de poder relativo (ou ainda pior, com o fim do próprio Estado). Ainda que o maior objetivo dos Estados no sistema seja a sua própria sobrevivência, em muitos casos, comportar-se de maneira a aumentar seu poder não seria ruim, pois isso poderia também trazer aumento nas chances de sobrevivência. Adotar ações que não são recompensadas pelo sistema internacional é algo possível, mas, como não são recompensadas com ganhos de poder, ações desse tipo são desestimuladas. Conforme comentado por Haslam: *Em outras palavras, o próprio sistema impõe certo grau de racionalidade ao comportamento, não muito diferente do condicionamento dos cães de Pavlov para salivar ao ouvir uma campainha que associavam à comida*²².

Segundo Korab-Karpowicz, Waltz teria proposto dois motivos para que o sistema internacional limite a cooperação. Em primeiro lugar ele é um sistema anárquico o que por si gera insegurança, principalmente pela incerteza de um agente frente às possíveis ações dos outros²³. Em segundo, existe o receio de que ao cooperar, um Estado participe em menor extensão dos ganhos obtidos por essa cooperação do que os ganhos que podem ser obtidos por seu parceiro ou parceiros na cooperação²⁴.

A real extensão da importância da estrutura interna das unidades é um tema não muito claro na teoria de Waltz. Mas, se pode ter a ideia de que as estruturas internas dos Estados funcionam mais ou menos como a gerência de empresas na teoria da firma, ou seja, formas de governo podem alterar a eficiência do Estado em obter ganhos dentro do sistema, mas de forma alguma alterariam o sistema em si. E ainda mais, formas de governo parecidas²⁵, se portariam de maneira similar e previsível, como gerências com a mesma "filosofia" ou empresas de estrutura administrativa similares, ainda que possam ter diferentes níveis de eficiência na obtenção de melhores ganhos.

²¹ Cf. WALTZ, Kenneth Neal. *Theory of International Politics* Nova York. Waveland Press. 2010. Reedição do original de 1979, p.38.

²² HASLAM, Jonathan. *A Necessidade é a Maior Virtude: O Pensamento Realista nas Relações Internacionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 400.

²³ Cf. KORAB-KARPOWICZ, W. Julian, "Political Realism in International Relations". Em: *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (editado em 2010), Edward N. Zalta (editor), URL = <<http://plato.stanford.edu/archives/fall2010/entries/realism-intl-relations/>>. Visitado pela última vez em 10 de outubro de 2011 e salvo em HD.

²⁴ IBID ao anterior.

²⁵ Com o mesmo sistema de governo, como vários países parlamentaristas, por exemplo.

Como a sobrevivência dos Estados é seu fim último e há insegurança causada pela anarquia internacional, as questões da segurança são muito importantes. O sistema internacional é de auto-ajuda e recompensa o auto-interesse. Os atores devem agir de forma a aumentar seu poder relativo, podendo obter mais vantagens se reconhecerem a existência do sistema e se portarem das maneiras que esse sistema normalmente recompensaria.

3.Os Erros de Waltz e seus limites argumentativos

Parece-me que já em *Man, State and War*, ao tentar mostrar, mediante os usos dos argumentos emprestados de Rousseau, que uma teoria da terceira imagem é possível, Waltz termina por favorecer a importância da terceira imagem e o peso que ela possui para as escolhas de agentes internacionais em relação às outras duas. Por vezes parece que ele consideraria, em *Man, State and War*, uma teoria com bases somente na terceira imagem, da mesma forma que uma teoria com ênfase em qualquer uma das outras duas imagens: uma teoria reducionista. Entretanto, em outros momentos, percebe-se que esse fato é posto de lado diante da tentativa de explicar a relevância da terceira imagem, como se ela tivesse mais importância nas causas da guerra do que as outras duas. Ainda que inicialmente ele tenha argumentado sobre a importância de todas as três imagens, parece-me que fica evidente que a relevância da terceira imagem é superior às outras duas. O mesmo percebeu Haslam, que escreveu o seguinte ao referir-se a *Man, State and War*:

O pressuposto subjacente era o de que, caso se quisesse acabar com o problema da guerra, suas causas deveriam ser entendidas corretamente. Outro axioma era que “Qualquer abordagem que se encaixe inteiramente dentro de uma das imagens é uma abordagem de causa única ao problema da guerra. Uma abordagem dessas” lembrou ele aos examinadores, “embora em certo sentido possa ser ‘verdadeira’, não pode ser de grande utilidade.” Ainda mais adiante ele salientou: “Uma combinação de nossas três imagens, em lugar de qualquer uma delas isoladamente, pode ser necessária para um entendimento preciso da política internacional. (...) “A terceira imagem descreve a estrutura da política mundial, mas, sem a primeira e a segunda imagens, não há nenhuma força motivadora de ação; a primeira e a segunda imagens descrevem as forças motivadoras na política mundial, mas, sem a terceira imagem, é impossível avaliar sua importância ou prever seus resultados.”²⁶

E, pouco mais à frente: “Embora fosse meticuloso em seu cuidado de dar o devido peso a cada uma das imagens, a preferência de Waltz pela terceira imagem como a mais decisiva das três tornou-se aparente mais para o final da obra”²⁷.

A predileção de Waltz pela terceira imagem tornou-se definitivamente incontestada nas escolhas teóricas que o autor fez em *Theory of International Politics*. Entretanto, tendo em conta o argumento de que uma teoria que não leve em conta as três imagens na política internacional ser reducionista, podemos, no espírito de *Man, State and War*, fazer críticas a *Theory of International Relations*. A construção do realismo estruturalista de Waltz atribui uma inerência conflituosa às relações internacionais²⁸ independente da maneira como os Estados organizam suas instituições políticas internamente. Segundo Haslam, falando a respeito de *Theory of International Politics*:

A estrutura teórica começa a vacilar em decorrência de certas contradições no texto, quando a fluência da escrita de Waltz apresenta as questões num

²⁶ HASLAM, Jonathan. *A Necessidade é a Maior Virtude: O Pensamento Realista nas Relações Internacionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 385.

²⁷ IBID, p. 386

²⁸ O conflito é a constante do sistema, e os Estados são concorrentes que tentam aumentar seu ganho relativo de poder para aumentar suas chances de sobrevivência, ainda que possam vir a cooperar

momento em termos relativos – evidentemente para conquistar os que tinham dúvidas – e em outro momento em termos absolutos – tendo os indecisos já sido desbancados ou convencidos. Por exemplo, na apresentação das três imagens em O homem, o Estado e a guerra, ele nos informa que “as causas no nível da unidade e do sistema interagem; e, como isso acontece, a explicação feita exclusivamente no nível das unidades fatalmente conduz ao erro”. A conclusão lógica é que a mesma atitude, tomada exclusivamente em nível sistêmico – que é o que faz a teoria de Waltz –, também conduz fatalmente ao erro. Em outras palavras, embora pareça lidar imparcialmente com as vantagens e desvantagens de explicações no nível unitário e no nível sistêmico, Waltz aplica de fato os critérios mais severos apenas à explicação no nível unitário; e, mais adiante no texto, quando trata da explicação no nível sistêmico, ele deixa esses critérios passarem em branco.²⁹

Haslam destaca ainda que toda a ênfase de Waltz é colocada na previsibilidade decorrente da repetição, e em como tal fator explica bem o cenário internacional³⁰.

Waltz usou os argumentos de Rousseau para mostrar que em um ambiente anárquico a harmonia não pode ser considerada automática. Concordo com ele nesse ponto; pressupor a harmonia seria um erro. Mas supor o conflito como automático tendo como base uma teoria geral de comportamento de Estados seria também um exagero. Especialmente sem considerar as relações anteriores entre os Estados envolvidos em disputas ou em qualquer outro tipo de interação. A esse respeito, quando fazendo considerações acerca do pensamento de John Mearsheimer³¹, Haslam escreve o seguinte:

Aqui também, entretanto, Mearsheimer cai no exagero ao pressupor que as relações entre democracias desenvolvidas como, por exemplo, a Grã-Bretanha e a França estejam fundamentalmente no mesmo nível de conflito potencial quanto, digamos, as de Israel e Iraque. Mais uma vez, o pressuposto neo-realista de que todo o sistema internacional funciona de acordo com princípios hobbesianos, com todos os Estados em pé de igualdade, leva os analistas a um beco sem saída.

Ainda que consideremos uma perspectiva como a da terceira imagem, há evidências empíricas para se teorizar que a história e valores compartilhados entre diferentes Estados importam sim na maneira como eles se portam em relação a outros Estados específicos, e que as diferenças de tratamento vão além daquilo o que é esperado de um comportamento normal de acordo com um papel desempenhado dentro de um sistema com hierarquia de poder. Isso não é simplesmente dizer que o Estado X se comporta de uma maneira em razão de ser ou não uma democracia (ainda que a teoria da paz democrática possa ser verdadeira), o que seria uma constatação feita a partir de uma análise da segunda imagem, ou porque ele está em um ambiente anárquico (embora esse fator possa fazer parte da equação), mas sim que o Estado X normalmente se porta de certa maneira em relação ao Estado Y porque ambos possuem uma história peculiar compartilhada. O máximo que uma análise da terceira imagem pode fazer, sem levar em

²⁹ HASLAM, Jonathan. *A Necessidade é a Maior Virtude: O Pensamento Realista nas Relações Internacionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 398

³⁰ Cf. HASLAM, Jonathan. *A Necessidade é a Maior Virtude: O Pensamento Realista nas Relações Internacionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 399. Deve ser destacado que justamente com relação à previsibilidade do sistema internacional, algumas das mais relevantes previsões de Waltz com base na estrutura do sistema internacional vieram a se mostrar erradas. Waltz dava grande valor ao equilíbrio de poder entre a União Soviética e os Estados Unidos, e acreditava que por tornar o sistema internacional previsível e estável ele iria manter-se e, as potências iriam (e deviam) buscar ativamente por isso. Essa hipótese (preditiva e prescritiva) se mostrou falsa com a queda do muro de Berlim o fim da guerra fria. Esse fato fez com que muitos críticos considerassem que a teoria de Waltz, assim como o realismo neo-clássico, não poderia dar conta adequadamente das mudanças no mundo político internacional (Cf. KORAB-KARPOWICZ, 2010).

³¹ HASLAM, Jonathan. *A Necessidade é a Maior Virtude: O Pensamento Realista nas Relações Internacionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 404. Mearsheimer é um proeminente neo-realista agressivo, que como Waltz teria uma teoria geral acerca do comportamento dos Estados com base na situação em que eles se encontram, a saber: um ambiente internacional anárquico

consideração o contexto, é indicar que a anarquia traz algumas dificuldades para a estabilidade e cooperação no ambiente internacional.

Segundo Waltz o argumento que dá base, em *Man, State and War*, à terceira imagem e à possibilidade de uma teoria que leve em consideração a terceira imagem poder ser construída (como Waltz fez em *Theory of International Politics*), bem como à condição de insegurança e potencial conflito que é gerada necessariamente pela anarquia, é inspirado no cenário descrito por Rousseau em Discurso Sobre a *Origem das Desigualdades Entre os Homens*. No referido texto Rousseau faz uma breve alusão ao momento em que os homens teriam percebido (ainda de maneira muito precária) as vantagens que a cooperação poderia trazer para que as suas necessidades imediatas (interesse presente e sensível) fossem atendidas, mas quando, por sua vez, ainda eram incapazes de perceber as vantagens de longo prazo da cooperação e os benefícios que ela poderia trazer ao longo do tempo. O conteúdo da referida passagem textual de Rousseau é o seguinte:

Eis como os homens puderam, insensivelmente, adquirir uma ideia grosseira dos compromissos mútuos e da vantagem de os cumprir, mas somente na medida em que podia exigí-lo o interesse presente e sensível; porque a previdência nada era para eles; e, longe de se ocuparem com um porvir afastado, nem mesmo pensavam no dia seguinte. Se se tratava de pegar um veado, cada qual sentia bem que, para isso, devia ficar no seu posto; mas, se uma lebre passava ao alcance de algum, é preciso não duvidar de que a perseguia sem escrúpulos e, uma vez alcançada a sua presa, não lhe importava que faltasse a dos companheiros³².

O modo como Waltz, por sua vez, apresenta o mesmo raciocínio de Rousseau (com a alegoria da caça ao veado) em *Man, State and War* e faz uma referência à sua importância para as considerações de teorias feitas a partir da terceira imagem (e a partir de uma terceira imagem que tem em conta a anarquia), é outro, e possui diferenças que tornam seu uso essencialmente diverso daquele que, em minha opinião, parece ter sido pensado por Rousseau. A alegoria da caça ao veado é apresentada por Waltz da maneira seguinte:

No início do estado de natureza, o homem era suficientemente disperso para fazer qualquer padrão de cooperação desnecessário. Mas finalmente a combinação de aumento de número e os perigos naturais impuseram, em uma variedade de situações a proposição: coopere ou morra. Rousseau ilustra essa linha de raciocínio com o mais simples exemplo. O exemplo é digno de reprodução pois é o ponto de partida para o estabelecimento do governo e contém a base para a explicação do conflito nas relações internacionais também. Considere que cinco homens que adquiriram uma habilidade rudimentar de falar e entender um ao outro se encontram em um momento em que todos estão sofrendo de fome. A fome de cada um será satisfeita com a quinta parte de um veado, então eles “concordam” em um projeto para pegar um. Mas também a fome de cada um será satisfeita por uma lebre, assim, se uma lebre chegar ao alcance de um deles ele a pegará. O desertor obtém os meios de satisfazer sua fome, mas ao fazê-lo permite que o veado escape. Seu interesse imediato prevalece sobre considerações em relação aos seus companheiros.

A história é simples; as implicações são tremendas. Em ações cooperativas, mesmo quando concordam com a finalidade e possuem igual interesse no projeto, alguém não pode confiar nos outros. Espinosa liga a causa do conflito à razão imperfeita dos homens. Montesquieu e Rousseau contradizem a análise

³² ROUSSEAU, Jean Jacques. *Discurso Sobre a Origem das Desigualdades*. Trad. Maria Lacerda de Moura. Apresentação Nelson Jahr Garcia. Edição para e-book. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobebook/desigualdade.pdf>. São Paulo: 2001, p. 95-96.

de Espinosa com a proposição que as fontes do conflito não estão tanto nas mentes dos homens como elas estão na natureza da atividade social.³³

Parece-me, entretanto, que o argumento de Rousseau não possui as implicações tremendas que servem de base para explicar o conflito internacional como quer Waltz.

Como mostrado na citação feita acima, o argumento de Waltz teria como base o texto e a situação apresentada por Rousseau. Waltz afirma que para Rousseau o problema do conflito tem origem muito mais na situação em que os Estados se encontram uns em relação aos outros (portanto, origem situacional) do que em uma razão imperfeita do homem (como afirmam aqueles que possuem uma perspectiva de primeira imagem das causas dos conflitos). Esse argumento está na base de premissas neo-realistas consideradas muito importantes. Mas o uso de Rousseau como aquele que fornece a base para tais argumentos, especialmente na referida passagem, é, assim penso, um equívoco, como mostrarei a seguir. Além disso, os referidos argumentos parecem tornar os obstáculos para a cooperação, muito maiores do que eles têm a capacidade de fazê-lo por si sós. Os pressupostos de Waltz só podem ter toda a força restritiva que ele quer se inserirmos um determinado grau de contexto histórico (portanto não situacional) ao cenário. Entretanto, dependendo do contexto inserido, os argumentos de Waltz poderiam perder ainda mais sua força, como tentarei argumentar mais à frente. Antes, entretanto, pretendo fazer outra colocação que pode favorecer meus argumentos de que a analogia feita por Waltz da relação entre Estados com a caça ao veado de Rousseau não é inteiramente adequada como base daquilo o que ele tenta defender (a importância da terceira imagem³⁴) e estabelecer (uma teoria sistêmica de terceira imagem³⁵). Tal colocação é a de que os resultados da situação descrita por Rousseau, no que tange à cooperação, podem ser diferentes se levarmos em conta uma capacidade humana de calcular a respeito de vantagens futuras, o que é normalmente entendido como uma faculdade humana básica, e que os homens como descritos por Rousseau na caça ao veado não possuem. Dessa forma, o argumento de Waltz não pode buscar força na descrição de Rousseau. Além disso, para que seu argumento tivesse a força que Waltz pretendia ele é dependente da naturalização de uma atitude psicológica de desconfiança um tanto paranóica (ao menos no que tange ao primeiro encontro entre desconhecidos) com relação ao comportamento do outro.

Analisarei os problemas com o argumento de Waltz por partes e mostrarei que o que quer que ele tenha visto em Rousseau para justificar as características que atribuiu como inerentes à terceira imagem não está lá, a menos que nos esforcemos muito para acreditar nisso e, durante esse processo, irei apontar que as premissas de Waltz não podem ser consideradas tão abrangentes quanto ele deseja.

³³ WALTZ, Kenneth Neal. *Man, State and War: A theoretical Analysis*. Nova York: Columbia University Press 4ª edição, 1965, p.167-168. No original: In the early state of nature, men were sufficiently dispersed to make any pattern of cooperation unnecessary. But finally the combination of increased numbers and the usual natural hazards posed, in a variety of situations, the proposition: cooperate or die. Rousseau illustrates the line of reasoning with the simplest example. The example is worth reproducing, for it is the point of departure for the establishment of government and contains the basis for the explanation of conflict in international relations as well. Assume that five men who have acquired a rudimentary ability to speak and to understand each other happen to come together at a time when all of them suffer from hunger. The hunger of each will be satisfied by the fifth part of a stag, so they "agree" in a project to trap one. But also the hunger of any of them will be satisfied by a hare, so, as a hare comes within reach, one of them grabs it. The defector obtains the means of satisfying his hunger, but in doing so permits the stag to escape. His immediate interest prevails over considerations for his fellows.

The story is simple; the implications are tremendous. In cooperative action, even where all agree on the goal and have an equal interest in the project, one cannot rely on others. Spinoza linked conflict causally to man's imperfect reason. Montesquieu and Rousseau counter Spinoza's analysis with the proposition that the sources of conflict are not so much in the minds of man as they are in the nature of social activity. O grifo não está no original e é meu.

³⁴ Em *Man, State and War*.

³⁵ Em *Theory of International Relations*.

Há algo no argumento de Rousseau no que tange à caça ao veado e à grande possibilidade de deserção por parte de um dos caçadores (se avistar uma lebre) que está presente no contexto que Rousseau apresenta, mas não é apresentado por Waltz, e que provavelmente não pode ser aplicado às relações internacionais contemporâneas sem antes estabelecer uma teoria acerca das capacidades racionais dos Estados (ou de pessoas, como seus representantes).

O argumento de Waltz diz claramente que o problema para a cooperação é situacional, como Rousseau teria indicado. Acredito que isso é uma verdade somente em parte. Em grande medida o problema só pode ser gerado pelas capacidades (ou falta de capacidades) daqueles que estão envolvidos na situação descrita. Deve-se atentar para o fato de que as pessoas descritas por Rousseau na caça ao veado não possuem (ainda) as qualidades intelectuais plenamente desenvolvidas. Suas ações são ditadas por puro instinto. Assim, elas agiriam de determinada maneira não pela impossibilidade de confiança nos outros caçadores, mas porque o instinto (que lhes manda apanhar a primeira presa que conseguirem) guia suas ações. Em especial, como se pôde ver a partir do texto do próprio Rousseau, que citei anteriormente, as pessoas no estado de natureza não possuem uma característica muito importante para nosso comportamento ao lidarmos com outras pessoas: elas são incapazes de perceber como lidar com necessidades futuras. Mais do que a incapacidade plena de entendimento mútuo (por sua limitação nas habilidades de fala), que poderia prejudicar a coordenação para esforços conjuntos, o problema para cooperação aqui parece ser levantado pela ausência de uma capacidade intelectual básica. Essa ausência é textualmente mencionada por Rousseau e é muito fácil imaginar suas conseqüências.

Primeiro podemos imaginar o cenário exatamente como descrito por Rousseau e termos um dos caçadores desertando em favor da lebre para aplacar sua fome, não dando atenção às necessidades dos demais. Um resultado absolutamente possível, tendo em conta que nenhum deles possui a capacidade intelectual de reconhecer qualquer ganho advindo da cooperação, pois eles são limitados a reconhecer somente os ganhos que atendam às suas necessidades imediatas, agindo por puro instinto. Com a simples adição da capacidade de se preocupar com as necessidades futuras às faculdades dos caçadores (mas ainda sem a adição de um senso moral) provavelmente as probabilidades de cooperação já se tornassem bem maiores. Homens com capacidade de reconhecer que provavelmente terão necessidades futuras que poderão ser atendidas de forma mais eficiente com a cooperação de outros podem reconhecer os fatos que os incentivam a esperar pacientemente pelo veado e ignorar a lebre. Creio que tal capacidade já seria suficiente para estabelecer uma maior quantidade de resultados possíveis para o cenário como descrito por Rousseau.

Dependendo da quantidade de caçadores, cada um deles pode tirar maior proveito de uma fração do veado do que de uma lebre inteira. Supondo que a divisão dos frutos da caçada seja equitativa, não só terão mais carne para uma refeição, como, se conhecerem algum modo simples de conservação, podem se alimentar por mais algum tempo. Além disso, a cooperação pode trazer benefícios não só para a caçada presente, mas também a possibilidade de que sejam estabelecidos laços entre os caçadores. Eles podem até mesmo vir a desenvolver métodos mais eficientes e rápidos de caça em grupo.

É possível ainda imaginar que, tendo em vista a ajuda que outro caçador pode lhe oferecer no futuro, um caçador afortunado em um dia de caça solitária possa dividir sua presa com outro que não pôde caçar para que esse se mantenha saudável e capaz de oferecer ajuda. E, para tanto, não é necessário um senso moral ou capacidade ética (em um sentido estrito) ou algo além de uma capacidade racional de calcular sobre perdas e ganhos. Creio que essas colocações mostram que a atribuição de características feitas por Waltz como predominantes, ou mesmo necessárias, à terceira imagem tendo como base as possíveis implicações trazidas pela caça ao veado, tem sua força argumentativa reduzida por deixar de levar em conta as capacidades intelectuais dos seres humanos que são descritos no cenário apresentado por Rousseau.

Dessa maneira, afirmar uma separação entre a terceira e a primeira imagem e defender uma teoria inteiramente baseada na terceira imagem, tendo como base o exemplo da caça ao veado oferecido por Rousseau não é algo que pode ser feito na extensão que quer Waltz, pois a natureza da atividade social descrita só é da forma que é (ao menos em toda a sua extensão) pois os homens que participam de tal atividade social são da maneira que são e não possuem uma capacidade de realizar “investimentos” com a expectativa de ganhos futuros, capacidade reconhecida facilmente no ser humano “moderno”.

Se a confiança não era possível na caça ao veado descrita por Rousseau, as coisas eram fortemente determinadas não pela natureza da atividade em si, mas pela ausência de relevantes (no sentido de que poderiam mudar as probabilidades de resultados esperados no cenário descrito) capacidades intelectuais nos caçadores. Na maneira como descrita por Rousseau não estamos falando de humanos como os que conhecemos, mas de outra forma de vida com capacidades e faculdades diferentes.

No texto de Rousseau a incapacidade de fazer cálculos relativos aos ganhos futuros é tão determinante quanto uma deficiência mental ou algo similar, de forma que o indivíduo não age de outra maneira não apenas por não reconhecer as vantagens que agir diferentemente poderia lhe trazer (o que também é o caso), mas também por lhe ser impossível fazê-lo.

A escolha em favor da lebre no caso descrito por Rousseau não deriva da desconfiança no outro, mas do simples fato da lebre ter passado primeiro em frente aos caçadores. Eles agem por puro instinto, quase como animais. Waltz parece ignorar completamente esse fato (e não faz nenhuma referência a ele) para mostrar que em tal situação um ser humano não pode confiar no outro, ainda que tenham objetivos similares, e para garantir a possibilidade de uma teoria inteiramente baseada na terceira imagem.

Se a simples presença de uma capacidade intelectual calculativa sobre ganhos futuros e o estabelecimento de vínculos para os tempos que estão por vir já poderiam alterar o resultado da situação descrita no exemplo da caça ao veado, a adição de senso moral aos caçadores bem como de valores éticos relativos ao cuidado de membros do grupo, e a de espera uma conduta recíproca, tornariam ainda mais provável a alteração do resultado.

Podemos ainda pensar a caça ao veado de outras maneiras. Imaginemos agora um cenário em que os caçadores tenham experiências passadas compartilhadas: Um grupo de caçadores resolveu se reunir para caçar um veado. Esses caçadores vivem de maneira independente e normalmente auto-suficiente, entretanto agora (mas não pela primeira vez) eles têm passado por algum tipo de dificuldade gerada por uma brusca mudança de condições ambientais, por exemplo, e resolvem empreender uma atividade cooperativa. No entanto, no quadro que descrevo agora, não é a primeira vez que eles irão caçar juntos. Os caçadores em questão já passaram por dificuldades semelhantes no passado, dificuldades essas que os levaram a cooperar. O grupo de caçadores que irá participar da caçada possui três membros, mas poderia ter cinco. Outros dois caçadores não foram “convidados” para a caça, pois desertaram em favor de lebres em ocasiões anteriores. Para eles o cenário inicial por parte dos caçadores confiáveis é de desconfiança. Por outro lado, aqueles que “permaneceram” no grupo mostraram ser confiáveis e se esforçaram repetidas vezes para não se desviarem dos objetivos comuns. O esforço não foi em vão, pois sua fração do veado sempre foi muito mais satisfatória do que a lebre, que poderiam pegar por si mesmos. Esses caçadores têm um passado compartilhado e seus vínculos estão agora, mais ou menos bem definidos. Nessa narrativa de caças repetidas temos homens que além de possuírem uma capacidade calculativa relativa ao que diz respeito a acontecimentos futuros (ou uma variante que considero ainda mais eficiente para a cooperação: a capacidade de formar juízos morais), também têm algumas experiências passadas compartilhadas. Então, por analogia, poderíamos considerar esses caçadores como Estados, da mesma maneira que Waltz o

faz com a sua caça ao veado (que, assim penso, não pode ser considerada como a mesma situação do que a apresentada por Rousseau).

No caso que descrevi, Ainda que o tipo de interação social seja a mesma (caçadores unindo esforços em um “estado de natureza”) descrita por Waltz, o resultado é alterado em função do passado compartilhado (de forma positiva para os caçadores do grupo em relação uns aos outros e de forma negativa para os dois caçadores que não foram “convidados” para tomarem parte na caçada).

O que a anarquia pode ter feito foi gerar uma dificuldade inicial para a cooperação, mas que foi superada ou administrada de acordo com a maneira como as interações vieram a ocorrer. O que fazemos da anarquia depende muito daquilo que nos propusemos a fazer dela e de outras condições concretas, que não podem ser conhecidas “a priori”. Sem dúvida, as capacidades cognitivas dos agentes envolvidos na situação são importantes nesse cenário. Dessa maneira, creio não ser possível a afirmação de Waltz no que diz respeito à ideia de que as razões do conflito são geradas inteiramente por impasse situacional. Essa é uma verdade apenas parcial, no sentido de que ela gera alguma dificuldade, mas não um impedimento “a priori”.

Mais uma vez, fazendo referência às três imagens apresentadas por Waltz em *Man, State and War*, da mesma maneira que temos pessimistas e otimistas com relação à primeira imagem, isto é, aqueles que acreditam que alguma mudança no homem pode trazer o fim aos conflitos (os otimistas) e aqueles que entendem que o conflito é inerente à natureza humana e que esta não pode ser mudada (os pessimistas), da maneira como argumentei tentando mostrar que existem outras possibilidades além daquelas descritas por Waltz para a terceira imagem (mesmo em um cenário de anarquia), e considerando a própria referência do autor de que tratados sobre contenção de armas e desarmamento mútuos seriam medidas “típicas” da terceira imagem, é como se também na terceira imagem pudéssemos ter otimistas e pessimistas e, que para os otimistas se pode colocar fim aos conflitos (ou pelo menos diminuí-los) se “algo” relativo à interação social (ou à atitude adotada pelos agentes na interação social) for alterado, ainda que não tenhamos a presença de um governo ou instituição internacional com o uso exclusivo da força.

Até onde pude apurar da leitura de Waltz, os argumentos acerca da impossibilidade de cooperação e da necessidade de uma busca por poder gerada pela insegurança possuem a mesma “raiz” situacional. Uma vez que Estados não podem levar suas reivindicações para um soberano com poder de uso exclusivo da força, cada um deles deve contar apenas com as suas próprias forças. Provavelmente esses argumentos sejam entrelaçados dessa maneira pela tentativa de Waltz não apenas mostrar a “existência” e relevância da terceira imagem, mas também pela tentativa de inferir da situação dos Estados as características da mesma. Isso, me parece, implica um “salto” teórico, que consiste em extrair de algo suas características pela sua existência pressupondo determinados traços que seriam dados necessariamente por sua situação, sem uma observação e reflexão mais ampla a respeito das possibilidades teóricas. Sobre as características da terceira imagem a partir das quais podemos perceber a necessidade da busca pelo poder, Waltz escreve o seguinte:

Com tantos Estados soberanos, sem um sistema de leis aplicável entre eles, com cada Estado julgando suas queixas e ambições de acordo com os ditames de sua própria razão ou desejo – conflito, por vezes levando a morte é destinado a acontecer. Para atingir um resultado favorável desse conflito um Estado deve contar com seus próprios dispositivos, a eficiência relativa dos quais deve ser sempre sua preocupação constante.³⁶

³⁶ WALTZ, Kenneth Neal. *Man, State and War: A theoretical Analysis*. Nova York: Columbia University Press 4ª edição, 1965, p.159. No original: With many sovereign states, with no system of law enforceable among them, with each state judging its grievances and ambitions according to the dictates of its own reason or desire – conflict, sometimes leading to war, is bound to occur. To achieve a favorable outcome from such conflict a state has to rely on its own devices, the relative efficiency of which must be its constant concern.

Para enfatizar meus argumentos irei considerar a matriz numérica da caça ao veado como apresentada em teoria dos jogos.

No caso que apresentarei abaixo, irei considerar que há dois caçadores (que, conforme denominação usada em teoria dos jogos, serão chamados de jogadores) e cada um deles possui duas opções (ou estratégias) possíveis. Dependendo da maneira como fizerem suas escolhas, o “jogo” pode ter diferentes resultados. Se ambos decidem caçar um veado eles são bem-sucedidos nessa tarefa e podem dividir o prêmio igualmente. Cada um terá o dobro de carne à sua disposição de que teria se tivesse caçado uma lebre. Se ambos resolverem caçar individualmente uma lebre, cada um deles consegue apanhá-la. Entretanto, se um deles decide caçar um veado e o outro uma lebre, aquele que decidiu caçar a lebre conseguira pegar a sua presa e o que decidiu caçar o veado não obterá nenhum ganho. O jogo descrito acima, quando formalizado (em matriz numérica) terá a seguinte representação³⁷:

		Veados	Lebres
Caçador (jogador) 2:	Veados	2,2	0,1
Caçador (jogador) 1:	Lebres	1,0	1,1

No jogo formalizado acima, os números à esquerda de cada quadro representam as recompensas (pay-offs) possíveis para o jogador 1, enquanto os números à direita as recompensas (pay-offs) possíveis ao jogador 2. O veado possui uma recompensa (pay-off) total (da soma dos pay-offs dos dois jogadores) de 4. Se os dois caçadores combinarem seus esforços, cada um deles poderá obter uma recompensa estipulada pelo valor 2 (de 2 utilidades, ou 2 utils), que é o valor total atribuído ao veado e dividido entre eles. Esse é o melhor cenário possível para ambos, mas depende da disposição para a cooperação e que nenhum dos caçadores desista em favor da lebre durante a caçada. Se isso ocorrer o jogador que desistiu do veado em favor da lebre obtém uma recompensa (pay-off) de valor 1 e aquele que continuou determinado a apanhar o veado terá a recompensa de valor 0 (ou seja, não ganhará nada). Se os dois jogadores forem avessos ao risco, e dessa maneira resolverem confiar apenas em suas próprias capacidades, eles escolhem caçar separadamente e cada um deles consegue apanhar uma lebre, que oferece uma recompensa (pay-off) de valor 1.

A caça ao veado da maneira descrita acima e representada pela tabela que apresentei, expressa a situação da caça como descrita por Rousseau, exceto no que tange à capacidade racional dos caçadores. Se os jogadores fossem como os caçadores descritos por Rousseau, eles só poderiam perceber a maneira mais imediata de atenderem as suas necessidades. Dessa maneira para eles a melhor estratégia seria sempre caçar o animal que avistassem primeiro. Seu comportamento seria absolutamente determinado, uma vez que qualquer dos caçadores, por instinto, irá lançar-se sobre o primeiro dos dois animais (veado ou lebre) que vier a cruzar o seu caminho.

Em adição aos argumentos apresentados acima (e em contraponto aos argumentos de Waltz) deve ser mencionado que, embora Waltz tenha usado o exemplo da caça ao veado para mostrar que a cooperação não é possível³⁸, esse jogo em particular

³⁷ A tabela apresentada aqui é uma representação em matriz numérica do jogo da caça ao veado como descrito por Fudenberg e Tirole (em FUDENBERG, Drew, TIROLE, Jean. *Game Theory*. 1991, Cambridge, Massachusetts, London England: The MIT Press, 1991, p.03), incluindo inclusive as mesmas recompensas (pay-offs) estabelecidas por esses autores para o jogo. Embora apresentem uma série de formalizações em forma estratégica de teoria dos jogos durante sua obra, esse jogo em particular, no momento da obra que citamos aqui, não é apresentado de maneira formal, servindo como uma introdução para explicar alguns conceitos e ideias.

³⁸ Cf. WALTZ, Kenneth Neal. *Man, State and War: A theoretical Analysis*. Nova York: Columbia University Press 4ª edição, 1965, p.161.

não favorece plenamente nenhuma das duas estratégias. Ele torna a cooperação algo que não acontece automaticamente pela falta de confiança de um jogador no outro, o que pode levar um dos dois a tentar diminuir sua perda (havendo assim algum estímulo a deserção, embora a recompensa da cooperação seja melhor) confiando apenas nas suas próprias capacidades, mas também não apresenta a não-cooperação como automática, pois a recompensa oferecida pela cooperação é evidentemente maior. O cenário apresenta alguma insegurança, mas o desfecho não é tão fortemente determinado como quer Waltz, em especial porque os resultados da cooperação são melhores que os da não cooperação.

4.Considerações Finais

Estritamente considerada, a caça ao veado, como apresentada em sua forma de jogo, se usada como analogia para a relação entre Estados no ambiente internacional, não é uma barreira definitiva para a cooperação. É um caso em que há a possibilidade de assumir riscos para obter melhores resultados.

A análise puramente sistêmica que tenha como base argumentativa a analogia da caça ao veado apresentada por Rousseau em *Discurso Sobre a Origem e Os Fundamentos das Desigualdades Entre os Homens* transposta para âmbito internacional como elaborada por Waltz em *Man, State and War*, apresenta sérios problemas teóricos. Isso decorre do fato de que a analogia da maneira como apresentada por Waltz deixa de levar em conta o relevante fator de que o homem descrito por Rousseau na caça ao veado não possui as faculdades mentais desenvolvidas o suficiente para levar em consideração os cálculos que envolvam o futuro. Se tivessem as capacidades mentais plenamente desenvolvidas o cenário poderia ser de incerteza quanto à cooperação, mas não em um grau fortemente determinado como estabelecido por Waltz como característica intrínseca da terceira imagem.

Na descrição de Rousseau um caçador abandonaria seus companheiros à própria sorte para apanhar uma lebre por um instinto que lhe obriga a satisfazer às suas necessidades imediatas, sendo incapaz de pesar os benefícios que a divisão do veado poderia trazer-lhe. Essa incapacidade é fundamental para determinar que ele não coopere com seus companheiros de caça. Tal capacidade está, entretanto, presente nos seres humanos o que torna a caça ao veado não um jogo determinado pela falta de possibilidade de confiar nos outros caçadores, mas um jogo com relativa indeterminação, que pode ser contornada de várias maneiras, entre elas uma história comum entre os caçadores ou mesmo, o que considero ainda mais eficiente para a cooperação, uma capacidade ética e o desenvolvimento de valores morais comuns por parte dos caçadores, especialmente se forem valores que possam auxiliar nos fins da cooperação.

Tais colocações, também devem ser levadas em conta, assim creio, quando estabelecemos as características da terceira imagem e sua suposta independência das demais, tendo reflexos por sua vez nos méritos de uma teoria puramente sistêmica para a política internacional.

Referências

CARVALHO, Leonardo Arquimimo de. *Introdução ao Estudo das Relações Internacionais*. Porto Alegre: Ed. Síntese, 2003;

ELMAN, Colin e JENSEN, Michael A (ed.) *Realism Reader*. 2014, New York e Londres: Routledge, 2014.

FUDENBERG, Drew, TIROLE, Jean. *Game Theory*. 1991, Cambridge, Massachusetts, London England: The MIT Press, 1991

HASLAM, Jonathan. *A Necessidade é a Maior Virtude: O Pensamento Realista nas Relações Internacionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2006;

JACKSON, Robert; SORENSEN, Georg. *Introdução às Relações Internacionais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007;

KORAB-KARPOWICZ, W. Julian, "Political Realism in International Relations". Em: *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (editado em 2010), Edward N. Zalta (editor), URL = <<http://plato.stanford.edu/archives/fall2010/entries/realism-intl-relations/>>. Visitado pela última vez em 10 de outubro de 2011 e salvo em HD.

MEARSHEIMER, John. China's unpeaceful rise. In: ELMAN, Colin e JENSEN, Michael A (ed.) *Realism Reader*. 2014, New York e Londres: Routledge, 2014. p. 464-480. Originalmente Publicada em: *Current History* 105, no. 690 (Abril 2006): p.160-162.

MELLO, Flávia de Campos. "Teoria dos Jogos e Relações Internacionais: Um Balanço dos Debates". *BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n. 44, 2º semestre de 1997, p. 105-119;

MORAVCSIK, Andrew. "Taking preferences seriously: a liberal theory of international politics". In: ELMAN, Colin e JENSEN, Michael A (ed.) *Realism Reader*. 2014, New York e Londres: Routledge, 2014, p. 279-286. Originalmente publicado em *International Organizations* 51, no. 4 (fall 2014): 513-53;

MOREIRA, Adriano. *Teoria das Relações Internacionais*. Coimbra: Almeida, 1999;

POLITICAL REALISM," por Alexander Moseley, The Internet Encyclopedia of Philosophy, ISSN 2161-0002, <http://www.iep.utm.edu/>, 22 de janeiro de 2015;

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Discurso Sobre a Origem das Desigualdades*. Trad. Maria Lacerda de Moura. Apresentação Nelson Jahr Garcia. Edição para e-book. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/desigualdade.pdf>. São Paulo: 2001;

SEITENFUS, Ricardo Antônio. *Relações internacionais*. Barueri: Manole, 2004;

SINGER, David. "The Level-of-Analysis Problem in International Relations". *World Politics*, Vol. 14, No. 1, The International System: Theoretical Essays. (Oct., 1961), p. 77-92;

WALTZ, Kenneth Neal. *Man, State and War: A theoretical Analysis*. Nova York: Columbia University Press 4ª edição, 1965;

WALTZ, Kenneth Neal. *Theory of International Politics*. Nova York. Waveland Press. 2010. Reedição do original de 1979.

Doutor em Filosofia (PUCRS, 2016)
E-mail: fernandon.oliveira@yahoo.com.br